



GEMINIS

[DOSSIÊ ESPECIAL - TELEVISÃO: FORMAS AUDIOVISUAIS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO]

EL 23-F: ANÁLISE DE UMA MINISSÉRIE

FLAVIO PEREIRA

*Mestre em Letras pela UNESP/Assis. Doutorando em
Literatura Espanhola pela FFLCH/USP. Professor de Cultura e
Literaturas Hispânicas na Licenciatura em Letras da Unioeste,
campus de Foz do Iguaçu.*

E-mail: poliglotta@gmail.com

RESUMO

Em 23 de fevereiro de 1981 ocorreu a tentativa de golpe militar que marcou o fim da transição do franquismo para a democracia na Espanha. 30 anos depois, o evento e seus antecedentes são recriados em narrativas literárias e audiovisuais. Este trabalho propõe a análise de “23-F: El Día Más Difícil del Rey”, exibido em dois capítulos pela RTVE em 2009. Para isso, coteja-o com outras produções contemporâneas para verificar como respondem ao desejo de memória da sociedade espanhola contemporânea.

Palavras-chave: El 23-F: El Día Más Difícil del Rey; memória coletiva; franquismo; transição.

ABSTRACT

On February 23, 1981 the attempted military coup that marked the end of the transition from Francoism to democracy in Spain occurred. 30 years later, the event and its history are recreated in literary and audiovisual narratives. This paper proposes the analysis of “23-F: El Día Más Difícil del Rey”, aired in two chapters by RTVE in 2009. For this, collates it with other contemporary productions to verify how they respond to the desire of memory in contemporary Spanish society.

Keywords: El 23-F: El Día Más Difícil del Rey; collective memory; francoism; transition.

Estamos próximos da comemoração dos 80 anos do início da guerra civil da Espanha e não param de chegar ao público obras de variados tipos que, de alguma forma, abordam o passado recente do país. Neste contexto, observa-se uma contradição na dinâmica da memória coletiva do passado recente da Espanha na sociedade espanhola contemporânea. Por um lado, historiadores de prestígio pela seriedade de seu trabalho, a exemplo de Santos Juliá, aduzem que não houve nem há o chamado “pacto de esquecimento” sobre os crimes perpetrados durante a guerra civil pelos dois bandos e pelo próprio regime autoritário, visto que desde o início da transição os historiadores vêm escrevendo esta parte sangrenta da história recente. Por outro lado, há historiadores e sociólogos também respeitados, a exemplo de Paloma Aguilar Fernández, que insistem que houve um tácito silenciamento, durante a transição, frente a esses crimes por um medo, refletido institucionalmente, de que a sociedade espanhola não pudesse realizar uma transição pacífica rumo à redemocratização. Reconhece-se o trabalho dos historiadores, mas pondera-se que o grande público leigo, por uma série de razões, não teve acesso a este conhecimento e, portanto, ainda impera uma ignorância coletiva preocupante sobre estes temas.

Com a morte de Francisco Franco em 1975, inicia-se uma nova fase na história recente da Espanha, a chamada “Transição”, marcada pela euforia coletiva provocada pela percepção de que se podia respirar novos ares de liberdade, sobretudo cultural e ideológica, no país ibérico. Como afirma Marco (1995: 111), tornou-se lugar comum o binômio explosão e maturidade para avaliar a sociedade espanhola nos anos posteriores à morte do autocrata. Garantem-se as condições políticas que viabilizaram o crescimento econômico e a ampliação do exercício da cidadania para uma crescente maioria de espanhóis, ao mesmo tempo em que se favorece uma explosão cultural perceptível, por exemplo, na *movida madrileña* de início dos anos 80. No entanto, tal efervescência foi acompanhada de um pacto de silêncio sobre os episódios trágicos e ominosos da Guerra Civil e do franquismo, sejam eles de responsabilidade do regime ou da oposição. Desde então, a palavra “consenso” tornou-se um imperativo: todos unidos em torno ao Rei Juan Carlos e ao parlamento, em nome de uma nova Espanha, pujante e cada vez mais

moderna. A sujeira foi empurrada pra baixo do tapete, a memória histórica do passado recente foi reprimida. Ainda assim, como destaca ainda Marco (1995: 116), o romance histórico e o romance de memórias vieram a perturbar este estado de coisas, nos cinco anos seguintes à morte de Franco. Já passada uma década e superado qualquer afã de regressão à ordem política anterior, com o fracasso da tentativa de golpe de estado de 23 de fevereiro de 1981, a Espanha entra eufórica na Comunidade Européia. Consolida-se a democracia, mas o preço pago pela transição é talvez muito alto: a falta de memória e o clima persistente de crise da memória coletiva ou amnésia, como argumenta Colmeiro (2005: 13), ao mostrar como o tema tem insistentemente retornado às colunas do jornal *El País* na passagem ao terceiro milênio. Colmeiro (2005: 18) afirma que o caminho percorrido pela memória coletiva desde o pós-guerra civil até o desencanto do final do século XX pode ser esquematizado em três tempos:

1. O tempo de silêncio e esquecimento imposto pelo franquismo, a longa noite de memória reprimida da oposição antifranquista censurada e a substituição da memória histórica por uma nostalgia de uma ordem legendária primigênia, que se traduz numa épica imperial delirante (perceptível por exemplo em *Raza*, o filme cujo roteiro é de autoria de Franco e que foi produzido com fins propagandísticos de direita);
2. O tempo da transição do franquismo à democracia, entre a memória de testemunho residual e a amnésia. O pacto de esquecimento dos fantasmas da guerra civil e do legado franquista, convertido em novo tabu, por sua própria condição fantasmagórica se nega a desaparecer. Há uma tentativa de recuperação da memória histórica e uma sensação de desencanto provocada pelas limitações do processo político e a nostalgia de um futuro utópico definitivamente postergado;
3. O tempo da inflação quantitativa e o decréscimo qualitativo da memória. O espaço vazio deixado pelo desencanto da transição e seu tabu acaba sendo preenchido por diferentes formas memoriais que desbordam e debilitam, ao mesmo tempo, as tradicionais margens da memória: a fragmentação e a descentralização da memória devido ao ímpeto de memórias nacionais particulares frente a uma diluída memória unitária nacional, como reação ao absolutismo franquista, que reprimiu as diferenças regionais; um novo memorialismo institucional de prestígio e de caráter epidérmico; e finalmente a substituição da memória histórica pela nostalgia da nostalgia, que preenche, ao mesmo tempo, o espaço deixado pelo tabu. É o tempo da crise da memória contemporâneo.

A minissérie em dois capítulos *23-F: El día más difícil del Rey* foi uma coprodução de Televisión Española e Televisió de Catalunya, emitida em 2009 no canal público nacional de TV da Espanha e lançada em DVD no mesmo ano. Focaliza o dia 23 de fevereiro de 1981, construindo um relato sustentado pelo suspense provocado pelo rumo incerto dos acontecimentos que se desenrolaram a partir da tentativa de golpe militar liderada pelo tenente-coronel Antonio Tejero. Juntamente com outros elementos da Guarda Civil, irromperam com armas em punho no Congresso dos Deputados e interromperam a sessão que decidiria quem seria o novo primeiro ministro em substituição a Adolfo Suárez, primeiro governante civil de âmbito nacional a ocupar o poder de forma consensual, após a morte do general Franco que precipitou o fim do regime autoritário. Ironicamente, mas também de forma sintomática, Tejero formava parte da Guarda Civil, que atua como corpo de segurança do Estado. A mais recente Constituição da Espanha, de 1978, no artigo 104, fixa-lhe a missão primordial de proteger o livre exercício dos direitos e liberdades e garantir a segurança dos cidadãos espanhóis, estando sob dependência do governo do estado espanhol, que tem a prerrogativa de nomear o seu diretor. Desde a sua criação até a nomeação em 1986 do primeiro civil, Luis Roldán, todos os diretores da Guarda Civil eram generais do exército. Trata-se de uma sintomática ironia sua atuação destacada no contexto deste evento histórico porque desde o século XIX os militares vêm intervindo na esfera política pública espanhola por meio de “pronunciamientos” e intervenções de força, sendo a mais decisiva e violenta delas a rebelião contra o governo da II República de 1931 que redundou numa sangrenta guerra civil vencida pelos revoltosos ditos “nacionais”. Desta forma, a morte de Franco, em novembro de 1975, foi o evento catalisador da decomposição do regime de exceção implantado em 1939 e que não tinha mais condições de perdurar com o desaparecimento do caudilho. O assassinato do almirante Carrero Blanco num atentado do grupo terrorista ETA dois anos antes já demonstrava a impossibilidade de continuidade do franquismo, visto que Carrero Blanco havia sido apontado pelo propio Franco como seu provável sucessor.

A tentativa de golpe doravante conhecida como “el 23-F” ou “El Tejerazo” foi uma aguda manifestação do descontentamento dos militares em geral com relação aos rumos da democracia espanhola, sobretudo com dois eventos históricos do período: a legalização do Partido Comunista e a série de atentados perpetrados pela ETA, que chegou a levar a cabo um atentado a cada três dias. Os militares revoltosos viram então no golpe militar uma solução de compromisso desesperada para dar um “golpe de timão” e reorientar o país rumo à ordem autoritária nostalgicamente perdida. É interessante observar que a minissérie foi produzida e exibida num momento em que

o movimento republicano na Espanha ganha maior visibilidade e a família real passa a ser objeto de maiores e mais constantes ataques. Assim, tendemos a imaginar que a exibição por parte do maior canal de televisão público da Espanha desta minissérie, além de contribuir para preencher um vazio de memória relacionado ao passado mais recente, funciona como um discurso legitimador da monarquia num momento de crise. Como coloca a informação disponível na caixa dos DVDs,

O dia 23 de fevereiro de 1981 se apresentava como mais um dia para o rei Juan Carlos I, mas ia colocá-lo frente a frente com o que sem dúvida foi o momento mais difícil do seu recente reinado. Às 18:23 o tenente coronel Tejero irrompe no Congresso e sequestra os deputados e o Governo em plena sessão. No Palácio, como no resto da Espanha, os primeiros momentos são de confusão. Logo se torna evidente que se trata de um golpe de estado e os golpistas dizem atuar em nome do Rei. Durante as horas seguintes o Rei deve demonstrar toda a sua habilidade para mostrar aos militares indecisos que ele não respalda o golpe. Don Juan Carlos, junto ao secretário da Casa Real Sabino Fernández Campo, enfrenta um complô e a dor de ser traído por Alfonso Armada, seu grande amigo dos últimos 25 anos e verdadeiro cérebro por trás do golpe.

Percebe-se então claramente a filiação histórica desta narrativa que, embora seja explicitamente baseada em eventos verídicos e em depoimentos dos participantes e testemunhas oculares dos acontecimentos, têm um caráter ficcional claro baseado numa recriação verossímil, mas desapegada, do compromisso com a fidelidade factual dos diálogos mantidos pelos principais participantes e suas atuações no contexto daquelas vinte e quatro horas decisivas para os rumos da Espanha. A minissérie se vale de uma poética clara de suspense para conduzir os espectadores no trânsito dos acontecimentos recriados e desta forma imprime-lhe um sentido teleológico que não faz parte do aluvião de eventos que compõem a história factual. Trata-se de que nós, habitantes do presente, possamos voltar ao passado, reviver esta trama e atribuir sentidos e lógicas àqueles eventos e tirar deles conclusões e ensinamentos. Nota-se a mão dos diversos narradores, seja a da roteirista Helena Medina, em primeiro lugar, até a da diretora Silvia Quer, a da montadora Elena Ruiz e a música de Alberto García Demestres numa orquestração perfeitamente tramada para, junto com a muito eficiente atuação dos atores, construir um relato perfeitamente amarrado e transparente em sua mise-en-scène, em que cada elemento da narrativa funciona adequadamente para não perturbar a apropriação por parte do espectador. Não há vazios a ser preenchidos nem questionamentos são fomentados. Para tanto, os dois episódios que compõem a narrativa se concentram em determinados espaços, representantes dos diversos focos

de atuação: o Palácio de La Zarzuela, sede da monarquia, de onde o rei age para conter a intentona golpista; o Congresso dos Deputados, ocupado pelos golpistas que mantêm ali detidos os 350 congressistas, o Primeiro Ministro Adolfo Suárez e o vice-presidente, general Manuel Gutiérrez Mellado; a sede de Radiotelevisión Española, de onde se acompanhava a gravação da sessão do congresso que seria transmitida pela TV e que foi também ocupada pelos golpistas, que cortaram a transmissão informativa; a sede da Divisão Encouraçada Brunete, próxima à capital Madri, que continha o maior contingente e o maior poder bélico da Península Ibérica, também foco de revoltosos e por fim, a sede da III Capitania Militar, em Valencia, de onde o Tenente General Jaime Milans del Bosch comanda outra frente golpista, dirige contingentes que dominam a capital valenciana, instituindo um estado de sítio e atuando como um êmulo do general Mola, ironicamente o planejador do golpe militar frustrado que se desdobrou na guerra civil de 1936.

Como complementar a esta teatralização dos eventos históricos daquelas vinte e quatro horas, o pack da minissérie traz um segundo disco intitulado “23-F: Recorrido Histórico”, que traz material audiovisual produzido pela própria Televisión Española, de caráter jornalístico, a respeito da tentativa de golpe. São quatro programas de duração variada, datados de 1986, 1996, 2001 e 2006 e que apresentam recriações e análises dos fatos. Conferem, assim, lastro documental à minissérie.

Seja como for, é interessante observar como o roteiro da minissérie é eficientemente caracterizado como um produto televisivo, que pode agradar a todos os públicos. Há uma variedade de pontos de vista que, se por um lado é coerente com a própria organização dos eventos recriados, que envolvem personagens cujas atuações colidem e conduzem o relato adiante, por outro há uma preocupação em inserir a trama excepcional dos eventos do 23-F no contexto mais amplo da rotina do monarca. Por isso, a minissérie se inicia com imagens do pessoal encarregado de preparar as refeições reais, na cozinha do palácio. É manhã, a família real toma café e tudo parece transcorrer como em qualquer família, exceção feita às particularidades tocantes à rotina de uma família real: a rainha Sofia está tendo dificuldades em lidar com a entrada na adolescência de uma das filhas e a dificuldade reside justamente na condição monárquica da jovem, que não pode se portar como qualquer jovem de sua idade. O príncipe Felipe está incumbido de fazer uma redação escolar cujo tema é o que deseja ser quando crescer. Obviamente, a proposta fica deslocada no contexto de uma família real, já que ele está destinado a ocupar o trono no lugar do pai. Felipe lamenta a falta de liberdade e o pai tenta convencê-lo a observar a rotina do rei para escrever sobre as ocupações do monarca. Desta forma, o enquadramento da narrativa da excepcionalidade

de em tensão com a rotina e as expectativas de uma criança permite que a minissérie seja também acompanhada pelo público infantil. O fato de que a minissérie se inicie por meio da encenação de uma cena tipicamente familiar, como pode ser tomar um café da manhã, permite a que o público assuma naturalmente este enquadramento da história como algo que se insere no cotidiano e não necessariamente como uma trama que, ainda que importante por seu significado para os rumos do país poderia soar como algo distante e frio, semelhante a como é narrada em livros de história. O enfoque ficcional impresso à trama que tem fundo histórico se vale de determinados recursos narrativos, a exemplo do suspense, a tensão e o posterior relaxamento correspondentes que também atuam como ganchos para prender a atenção do espectador, aproximando assim a história do público ao mesmo tempo em que se vale de procedimentos das ficções de massa. Seja como for, não se deve interpretar negativamente esta configuração narrativa, visto que parece bastante apropriada para os fins a que se destina. Trata-se de uma forma muito didática de popularizar a história. Contudo, para que assim seja é necessário que a narrativa se restrinja ao intervalo temporal que a minissérie abarca e não se espraie nos antecedentes do golpe nem nos desdobramentos posteriores, relacionados à sanção dos participantes e o destino final de cada um deles, para evitar polêmicas “desnecessárias”. Para tanto, os interessados têm os documentários jornalísticos “23-F: Radiografía del golpe” e “23-F: Regreso a los cuarteles”, extras que trazem maiores informações sobre o que se passou com os protagonistas do golpe após o 23-F, inclusive entrevistas com alguns deles. De qualquer forma, a minissérie conclui com o discurso televisionado do rei Juan Carlos dirigido a todos os espanhóis no qual ele os tranquiliza sobre a manutenção da ordem tanto por parte da família real (os golpistas falsamente difundiram que o rei os apoiava) como por parte do Estado maior do exército. Na última imagem se vê o rei guardando numa gaveta o texto do discurso, ao mesmo tempo em que fuma um cigarro.

Este leitmotiv do cigarro é um elemento interessante a observar, já que atravessa algumas sequências e pode-se perceber nele um índice metonímico da evolução e do papel de alguns dos personagens. Exemplo disso é o próprio rei. Quando começa a minissérie, ele se reúne com o Secretário Geral Sabino Fernández Campo no início do dia para tratar da agenda e pega um cigarro, mas acaba deixando-o de lado. Com o desenrolar do golpe, o rei fumará não apenas um cigarro ao longo daquele dia. Ao mesmo tempo, alguns militares também aparecem cultivando o tabaquismo, a exemplo do golpista e amigo pessoal do rei general Alfonso Armada. No entanto, há uma sequência na qual este personagem é obrigado a permanecer ao lado de outro militar, atendendo a uma ordem do rei. Tenta acender um cigarro, mas o isqueiro não funciona.

Outro militar tem sucesso neste ato. Assim, tendemos a interpretar o gesto falido como um signo metonímico da frustração vivida pelo general Armada, pois ele ambicionava tornar-se presidente com o sucesso do golpe, mas teve sua atuação bloqueada pelo rei Juan Carlos, que aparece pela última vez na minissérie justamente fumando tranquilamente um cigarro e guardando a cigarrreira de prata que a rainha Sofia lhe dera naquele mesmo dia, herdada do pai que recentemente falecera.

Podemos comparar a minissérie *23-F: el día más difícil del rey* com outros relatos que também se ocupam dos fatos que caracterizaram aquele momento histórico, a exemplo do ensaio *Anatomía de un instante* (2009), de Javier Cercas. Cercas tornara-se internacionalmente célebre por causa do romance *Soldados de Salamina* (2001), escrito também vinculado à história recente na Espanha, neste caso um obscuro episódio de fuzilamento frustrado de um escritor falangista. No livro mais recente, Cercas parte de uma imagem para mergulhar naquele mesmo instante, mas faz um movimento rumo aos seus antecedentes para interpretar os gestos excepcionais de alguns dos personagens que aparecem na imagem congelada. Neste sentido, cabe explicar que as sessões do Congresso dos Deputados da Espanha são gravadas pela Televisión Española e transmitidas ao vivo, da mesma forma que a Radio Nacional de España também as transmite. Assim, conservam-se trinta minutos de gravação audiovisual da invasão do congresso por parte dos golpistas. Cercas indaga sobre o fato de que tanto Adolfo Suárez como o vice-presidente Gutiérrez Mellado e Santiago Carrillo, presidente do recém-legalizado Partido Comunista não tenham se escondido atrás de seus respectivos assentos, recusando-se a seguir o exemplo dos demais deputados e funcionários do congresso. Cercas então elabora uma verdadeira arqueologia do golpe no primeiro capítulo intitulado “La placenta del golpe”, para dar conta de como algumas figuras, a exemplo de Adolfo Suárez, com sua atuação colaboraram para que o golpe viesse a ocorrer ou, pelo contrário, prevendo-o, agiram para tentar em vão contê-lo. Desta forma, este livro único em seu gênero funciona como um complemento à minissérie, pois valendo-se de uma poética análoga, a de partir de elementos textuais prévios, propõe-se a explicar aquele momento histórico. Cercas, no entanto, avança porque assimila-o ao processo histórico em andamento desde os estertores do franquismo e propõe uma visão ao mesmo tempo mais profunda e mais panorâmica das motivações que, no choque das ambições individuais e coletivas que movem a história, conduziram ao 23-F. A minissérie, ao mesmo tempo em que é competente no que se propõe, esgota-se em sua própria contenção. Seja como for, ela se aparenta com o livro de Cercas porque também ressalta o papel da imagem como signo sobre o qual podemos indagar e (re) descobrir a história. Neste caso, temos um dos focos de atuação tanto de golpistas como

de uma possível reação ao golpe que é a sede de Radiotelevisión Española. Preocupado com a preservação do documento histórico que contém os trinta minutos gravados da invasão ao congresso, o diretor da emissora decide esconder a fita no estofado de sua cadeira. Mais tarde, desloca um equipamento móvel ao Palácio de La Zarzuela para que o rei possa gravar seu discurso. O espectador percebe então o papel preponderante dos meios de comunicação de massa que pode superar o entretenimento e a espetacularidade que comumente o caracterizam e rebaixam.

REFERÊNCIAS

AGUILAR FERNÁNDEZ, P. **Memoria y olvido de la guerra civil española**. Madrid: Alianza, 1996.

CERCAS, J. **Anatomía de un instante**. Barcelona: Mondadori, 2009.

COLMEIRO, José F. **Memoria histórica e identidad cultural: de la postguerra a la postmodernidad**. Barcelona: Anthropos, 2005.

MARCO, V. MARCO, V. “Um pacto de silêncio: a transição espanhola.” In: COGGIOLA, O. (Org.). **Espanha e Portugal: o fim das ditaduras**. São Paulo: Xamã, 1995, p. 111-119.

JULIÁ, S. et al. **La España del siglo XX**. Ed. Actualizada. Madrid: Marcial Pons, 2007.

JULIÁ, S. (org.). **Memoria de la guerra y del franquismo**. Madrid: Taurus, 2006.